

Uma escola para Alan

Por Paul B. Preciado, filósofo

O garoto trans de 17 anos morreu por conta das intimidações sofridas em seu colégio. Quando a escola é o primeiro espaço de aprendizagem da violência de gênero e sexualidade.

No dia seguinte ao Natal, em Barcelona, Alan estava morto. Era um garoto trans de 17 anos. Ele foi um dos primeiros adolescentes transexuais a obter a mudança de nome na carteira de identidade espanhola. Mas o documento nada pôde fazer contra o preconceito. A legalidade do nome nada pôde fazer contra a força daqueles que se recusaram a utilizá-lo. A lei nada pôde fazer contra a norma. As situações de perseguição e intimidação que ele sofreu durante três anos nas duas instituições escolares que frequentou destruíram sua autoconfiança e crença em viver e o conduziram ao suicídio.

Poderíamos dizer que a morte de Alan é um trágico acidente. Mas não é nada disso: mais da metade dos adolescentes trans e homossexuais declaram que foram alvo de agressões físicas e psicológicas na escola. Os índices mais altos de suicídio são identificados entre esses mesmos adolescentes. Como que foi impossível para a escola proteger Alan? A resposta é simples: a escola é o primeiro espaço de aprendizagem da violência de gênero e sexualidade. A escola não só não protegeu Alan como criou as condições para o seu assassinato social.

A escola é um campo de batalha para onde são enviadas as crianças, tendo seus corpos tenros e seus futuros em branco como únicas armas, um teatro das operações em que se dá o duelo entre o passado e a esperança. A escola é uma fábrica de machistinhas e bichas, de lindas e gordas, malandros e retardados. A escola é o primeiro campo de batalha dessa guerra civil: o espaço onde aprendemos a dizer nós, os meninos, não somos como elas, as meninas. O lugar onde vencedores e vencidos são mascarados por um sinal que acaba por se tornar rosto. A escola é um ringue sobre o qual o sangue se mistura com a tinta e onde se recompensa aquele que os deixa jorrar. A única língua que se fala é da violência silenciosa e secreta da norma. Alguns entre eles, como Alan – certamente, os melhores – não sobreviverão. Eles não poderão mais participar dessa guerra. A escola não é apenas um espaço de aprendizagem de conteúdos. É uma fábrica de subjetivação: uma instituição disciplinar cujo objetivo é a normalização do gênero e da sexualidade.

Cada estudante deverá ali expressar um só gênero, definitivo: aquele que lhe é atribuído no nascimento. Aquele que corresponda à sua anatomia. A escola encoraja e valoriza a encenação tradicional dos códigos da dominação masculina e da submissão feminina, ao mesmo tempo em que vigia os corpos e seus movimentos, pune e patologiza toda a forma de dissidência. Os colegas de Alan exigiram que ele levantasse sua blusa para provar que não tinha seios. Eles o insultavam, o chamavam de “sapatão suja”, recusavam-se a chamá-lo de Alan. Não houve acidente, mas planejamento e acordo para punir o dissidente. O dever das instituições foi cumprido, que consiste em marcar a ferro e fogo aqueles que colocam em questão sua epistemologia de gênero.

A escola moderna, como estrutura hierárquica de autoridade e de reprodução hierárquica do saber, mantém ainda uma definição patriarcal de supremacia masculina. Assim, as mulheres, os grupos minoritários de sexualidade e gênero, os sujeitos que não são lidos como brancos e as pessoas com diferenças funcionais acessam a escola há pouco tempo: cem anos, se pensarmos nas mulheres, cinquenta ou talvez vinte anos se falarmos da

segregação racial, e apenas uma dezena de anos ao pensarmos nas diferenças funcionais. À tarefa primeira de fabricar a virilidade nacional, adiciona-se as de modelar a sexualidade feminina, de marcar a diferença racial, de classe, religiosa, funcional ou social. Em conjunção com a epistemologia da diferença de gênero (que hoje detém em nossas instituições o lugar ocupado pelo dogma da divindade de Cristo na Idade Média), a escola funciona segundo uma antropologia essencializante. O idiota é um idiota, a bicha é uma bicha. A escola é a mais brutal e fantoche dos espaços de ensino da heterossexualidade. Aparentemente assexuada, a instituição escolar valoriza e fomenta o desejo heterossexual e a encenação corporal e linguística dos códigos da heterossexualidade normativa. Poderiam, então, ser estes os nomes das disciplinas que nós ensinamos nas escolas: “Princípios do machismo”; “Introdução ao estupro”; “Oficina de homofobia e transfobia”. Um recente estudo feito na França mostrava que os insultos mais utilizados por alunos de escola – porque mais vexatórios – eram “viado” para os garotos e “vadia” para as garotas.

Para acabar com a escola assassina, deve-se estabelecer novos protocolos de prevenção da exclusão e da violência sexual e de gênero em TODAS as instituições escolares. Não penso em uma fantasia humanista de escola inclusiva (e o seu lema “nós toleramos a diferença, nós toleramos o doente para que se adapte”). Ao contrário, faz-se necessário des-hierarquizar e des-normalizar a escola, introduzir heterogeneidade e criatividade. O problema não é a transexualidade, mas a relação constitutiva entre pedagogia, violência e normalidade. Não é Alan que estava doente. Para salvá-lo, deveria haver uma pedagogia *queer* capaz de trabalhar com a incerteza, com a heterogeneidade, capaz de conceber as experiências sexuais e de gênero como processos abertos e não como identidades fechadas.

Frente a escola assassina, precisamos criar uma rede de instituições de educação em movimento, uma trama de escolas trans-feministas-*queer* que acolham as crianças e adolescentes em situação de assédio e exclusão em seus colégios, assim como todos os que prefiram a experimentação à norma. Esses espaços, ainda que sempre insuficientes, tornar-se-ão reservas reparadoras, onde poderão ficar protegidos da violência institucional. Em Nova York, por exemplo, o Colégio Harvey Milk (em homenagem ao ativista gay assassinado em São Francisco em 1978) está aberto desde 2002. Acolhe 110 estudantes *queer* ou trans que foram vítimas de assédio e exclusão nas escolas que frequentaram anteriormente. Eu quero imaginar uma instituição educacional mais atenta à singularidade do aluno do que à preservação da norma. Uma escola microrrevolucionária onde será possível favorecer processos de subjetivação singulares. Eu quero imaginar uma escola na qual Alan poderia ainda estar vivo.

Tradução: Luan Cassal (UFF)

Revisão: Maria Clara Carneiro (UNEB)

Tradução livre do texto “Une école pour Alan”, originalmente publicado em http://www.liberation.fr/chroniques/2016/01/22/une-ecole-pour-alan_1428369 dia 22 de janeiro de 2016. Maiores informações sobre o suicídio de Alan: <http://www.elmundo.es/sociedad/2015/12/30/5682ca5322601d8c0f8b4632.html>

Agradecemos reproduzir e circular o texto e citar a fonte. A tradução foi realizada para ampliar o acesso, sem fins lucrativos.